

# Batata cozida, mingau de cará



*tradição oral*



LITERATURA  
PARA TODOS

Eloí Elisabete Bocheco



Batata cozida,  
mingau de cará

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica

**Ira Maciel**

Comissão de Pré-seleção das Obras

**Cristiane Costa**

**Heitor Ferraz Mello**

**Júlio César Valladão Diniz**

**Maria da Luz Pinheiro de Cristo**

Comissão Julgadora

**Antônio Torres**

**Heloisa Jahn**

**Jane Paiva**

**Lígia Cademartori**

**Magda Soares**

**Marcelino Freire**

**Milton Hatoum**

**Moacyr Scliar**

**Rubens Figueiredo**

## **Ministério da Educação**

Esplanada dos Ministérios  
Bloco L – 7º andar – Sala 710  
literaturaparatodos@mec.gov.br  
www.mec.gov.br

# Batata cozida, mingau de cará

*tradição oral*

Eloí Elisabete Bocheco

1ª Edição

Brasília – 2006



**LITERATURA  
PARA TODOS**

Título original: Batata cozida, mingau de cará

Autora: Eloí Elisabete Bocheco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

B664 Bocheco, Eloí Elisabete.  
Batata cozida, mingau de cará / Eloí Elisabete Bocheco.  
– Brasília : Ministério da Educação, 2006.

80 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 8)

ISBN: 85-296-0050-9

1. Literatura popular. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 398.20981  
CDU 821.134.3(81)-91

---

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou da autora.

## Índice

Apresentação	10
Prefácio	12
Trovinhas	15
Vaca malhada	19
Que fazes?	20
Janeiro	21
A cutia	23
Tangolomango	24
Pisa-pilão	26
Vou	28
Quebra o coco	29
Um jogo	31
Lenços	32
Tem	33
Dizeres rimados	34
Ou... Ou	36
Desejo	37
Beija-flor	39
Olha!	40
Preguiça	41
Caçarola	42
Ciganinha	43
Recados	44

Marinheiro	47
Outra ostra	48
Já	49
Mulinha	50
Encontrei	51
Mas não é	52
Joguinho	53
Esta noite	55
Sarapico	56
Sal	57

Eu também	58
O rato tá em casa?	59
Vamos?	60
Quem vem lá?	61
Jardineiro	63
Serenata	64
Cavalo marinho	66
Lava-lava	69
Trem de tróia	70
Entrevista com a autora	72

## *Carta ao leitor*

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso a

livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

## *Prefácio*

Há milhares de anos, ainda antes de sabermos escrever, os homens se reuniam em volta da fogueira e contavam histórias. Eram relatos sobre o que acontecia com eles ou com os animais em suas aventuras do dia-a-dia. Sempre tinha alguém para contar algo e alguém para ouvir com atenção. E aqueles que ouviam sempre acrescentavam uma coisa aqui e outra acolá. Como já diziam antigamente: quem conta um conto, aumenta um ponto.

Com o passar do tempo, os homens aprenderam a escrever e passaram a registrar as histórias que contavam ou ouviam, por meio de tabuletas de barro, pergaminhos, papiros e, posteriormente, papel.

O homem sempre gostou de contar suas histórias, seja em prosa, seja em verso, nas feiras, mercados, festas de ruas ou das casas. Eles continuam contando histórias que ouviram dos pais, nas varandas das casas e nos meios-fios das calçadas. Como fazia seu Absolon, em noites quentes e tardes chuvosas, na varanda da minha infância, em Cruzeiro do

Sul, na beira do rio Juruá, no Acre, onde começa o Brasil, conforme dizia a minha avó.

São os contadores de histórias e declamadores que passam para as crianças e jovens as diversas expressões da tradição oral. Há outros que recolhem as histórias que ouviram e as recontam em livros, como faz a escritora catarinense Eloí neste delicioso *Batata cozida, mingau de cará*.

O ótimo *Marinheiro* nos faz lembrar de histórias e músicas já ouvidas. No último verso, Eloí nos remete a Fernando Pessoa, um grande poeta da língua portuguesa, que escreveu em um poema: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Leia e se delicie.

### ***Tancredo Maia Filho***

Coordenador técnico

I Concurso de Literatura para Todos



## *Trovinhas*

Batata cozida, mingau de cará  
Moça bonita que vem do Pará  
Parem de cantar, parem de pular  
Abram a roda que ela vai passar.

Olha a vespa dentro da cesta  
Olha a cesta com a vespa dentro  
A vespa fazendo casa  
e a casa secando ao vento.

Eu não tenho eira nem beira  
Nem sequer algum parente  
Sou filho de uma colina  
Neto do sol poente.

Marmeleiro, penda o galho  
Que eu quero colher marmelo  
Marmeleiro, o que é que eu faço  
para encontrar o amor que eu quero?

Lá atrás daquele morro  
tem um pé de abacateiro  
Quem quiser casar comigo  
apareça no terreiro.

Lá do céu caiu um cravo  
em cima do meu telhado  
Se não casar com você  
não vivo mais sossegado.

Meu boi nasceu de manhã  
De manhã mesmo falou  
Às dez horas assinou o nome  
e em seguida soletrou.

Cavaleiro da porteira  
Não passe sem se benzer  
Aqui tem assombração  
Não deve pagar pra ver.

A menina da janela  
é uma flor de macieira  
Quando anda se requebra  
Quando se requebra cheira.

Você diz que sabe sabe  
Passarinho sabe mais  
Passarinho sabe a falta  
que o seu amor me faz.

Eu plantei o figo verde  
Ninguém ajudou plantar  
Depois do figo maduro  
Todos queriam provar.

Pus-me a contar grão de areia  
com a ponta do meu dedal  
Comecei de madrugada  
e nunca mais vou acabar.

De manhã penso em você  
De tarde penso também  
De noite fico a pensar  
nesse fogo que amor tem.

Se eu soubesse bordar na água  
como bordo no algodão  
Bordava um barquinho a vela  
indo em tua direção.

Um saco cheio de espinhos  
é uma coisa tiririca  
Se bota na cabeça cutuca,  
se bota nas costas pinica.

Quebra quebra gabiroba  
Come a sopa pela borda  
Pena verde já se foi  
Sonho meu roeu a corda.

Com a ponta da minha agulha  
Com o fundo do meu dedal  
Costuro as pontas da vida  
pra saudade não me achar.

Todo cravo tem perfume  
Toda roseira tem graça  
Nem todo amor perdura  
Toda paixão vem e passa.

## *Vaca malhada*

Vaca malhada dá leite azedo  
pra quem mexer o dedo  
Dá leite pasteurizado  
pra quem olhar pro lado  
Dá leite ardido  
pra quem ficar perdido  
Dá leite frio  
pra quem der um pio  
Dá leite vencido  
pra quem estiver distraído  
Dá leite fino  
pra quem tocar o sino.

Eu que não sou daqui  
e não tenho amor,  
marinheiro sou,  
peço água e vou-me embora  
pra São Salvador!

## *Que fazes?*

- Minha vela de sete dias, que fazes no corredor?
- Tô esperando o santo que vem no andor.
  
- Minha bacia de louça, que fazes no rebolo?
- Tô esperando o trigo que tá no monjolo.
  
- Minha sombrinha encarnada, que fazes no horizonte?
- Tô esperando a chuva cair na ponte.
  
- Meu jarro esmaltado, que fazes no armário?
- Tô esperando o dia do teu aniversário.
  
- Minha peneira de taquara, que fazes no lajeado?
- Tô esperando Maria pescar dourado.

## *Janeiro*

Janeiro vai  
Janeiro vem  
Pingente celeste  
vou dar ao meu bem.

Janeiro ia  
Janeiro vinha  
Panela no fogo  
Pirão de farinha.

Janeiro vem  
Janeiro vai  
O galo canta  
e a casa cai.

Janeiro sai  
Janeiro entra  
Num dia chega  
e no outro senta.

Janeiro vem  
Janeiro passa  
Fogo de palha  
Nuvem de fumaça.



## *A cutia*

A cutia diz que viu  
um fantasma prateado  
É mentira da cutia  
Ela tá é assustada.

A cutia diz que traz  
muita linha do horizonte  
É mentira da cutia  
Ela traz é só barbante.

A cutia diz que come  
num prato de arco-íris  
É mentira da cutia  
Ela come é num pires.

A cutia diz que tem  
um castelo de turmalina  
É mentira da cutia  
O castelo é de neblina.

A cutia diz que tem  
um pente de marfim  
É verdade da cutia  
Ela até emprestou pra mim!

Ah, ah, oh, oh, ela até emprestou pra mim!

## *Tangolomango*

Eram oito formiguinhas  
morando num tagete  
Deu tangolomango numa  
e das oito ficaram sete.

Das sete que restaram  
Uma se afogou no orvalho  
Outra partiu com um bem-te-vi  
e ficaram cinco que eu vi.

Dessas cinco que restaram  
Uma tropeçou num pato  
e das cinco ficaram quatro.

Das quatro que ficaram  
Uma foi imitar o cabrito montês  
Quebrou o pescoço, meu bem,  
e das quatro ficaram três.

Destas três que restaram  
Uma foi passear na lua  
Deu o tangolomango nela  
e eis que ficaram duas.

Destas duas que ficaram  
Uma resvalou na espuma  
e restou apenas uma.

Esta uma que ficou  
foi jogar paciência  
Deu tangolomango nela  
e acabou-se a descendência.

## *Pisa-pilão*

Paçoca de pinhão  
Pisa pilão!

Pinheiro, dai-me outra pinha,  
que esta aqui tá falhada  
Menina, traz mais farinha,  
que a paçoca tá grudada.

Peneira a paçoca  
Pisa pilão!  
Peneira e soca  
Pisa pilão!

O tempero da paçoca  
foi o velho Brás que ensinou  
Botei as ervas-de-cheiro  
Mas o ponto do sal caducou.

Não se afoga com a paçoca  
Pisa pilão!  
Passa pra cá a peneira da paçoca  
Pisa pilão!  
Peneira e soca  
Pisa pilão!

Tava na peneira  
Tava peneirando  
Tava no namoro  
Tava namorando  
Oi, pisa pilão!

## *Vou*

Vou à ladeira  
com as mãos para trás  
Trançar peneira  
Colher o ananás.

Vou à romaria  
com as mãos para cima  
Pedir providências  
para mudar minha sina.

Vou ao engenho  
com as mãos para baixo  
Comer o melado  
que ficou no tacho.

Vou àquela serra  
com as mãos para o lado  
Pedir mais sorte  
para arrumar namorado.

Vou ao banhado  
com as mãos quietas  
Ver dorme-dorme  
e açucenas abertas.

## *Quebra o coco*

Quebra o coco  
Saracura tá cantando  
Quebra o coco  
Chuvarada tá chegando.

Da mulher que quebra o coco  
até as pedras sabem:  
faz sabão, faz sabonete,  
faz renda pra estrela d'alva.

Não derrube essa palmeira  
que um tico-tico plantou  
É palmeira rainha  
Estrela do céu quem coroou.

Quebra o coco  
Saracura tá cantando  
Quebra o coco  
Chuvarada tá chegando.



## Um jogo

- Que porta é esta?
- É a do fim do mundo.
- E quem está no começo?
- Um gigante sem queixo.
- Quem está no meio?
- A mulher do espelho.
- Quem chegou agora?
- Quem estava fora.
- Quem vem do lado esquerdo?
- Não posso contar que é segredo.
- Quem está atrás da neblina?
- É uma coisa que não cabe nesta rima.
- Que carruagem é aquela?
- É a da *Bela e a Fera*.
- Que fumaça é essa?
- É da tua pressa.
- Como se volta do fim do mundo?
- Pelo buraco fundo.
- E se o buraco não chegar?
- Tenho cavalo alado para me buscar!

## *Lenços*

Lenço lilás  
bons presságios traz.

Lenço na cintura  
o amor perdura.

Lenço de pontas  
acerto de contas.

Lenço de cambraia  
olhe e saia!

Lenço bordado  
encontro marcado.

Lenço na lapela  
será longa a espera.

Lenço no ar  
alguém vai chegar.

## *Tem*

No redemoinho tem saci  
Na mangueira tem bem-te-vi  
Atrás do morro tem ingá  
Na mata fechada tem boitatá.

Na curva da estrada  
tem um dia trás do outro  
Na quebrada da ladeira  
tem goiaba, e não é pouco!

Na mão direita tem uma roseira  
que dá flor na primavera  
que dá flor na primavera.

## *Dizeres rimados*

De cavalo dado não se olham os dentes  
Cesteiro que faz um cesto faz um cento  
De cobra não nasce passarinho  
Quanto mais velho melhor o vinho.

Com a boca cheia d'água ninguém assopra  
O ponto do crochê se escolhe é na amostra  
Coroa não cura dor de cabeça  
Em receita que deu certo, não mexa!

Água fria não escalda pirão  
Vaso novo não se guarda no porão  
A colher é que sabe a quentura da panela  
Acerto de contas é no apagar da vela.

Raio não cai em pau deitado  
Só passa uma vez o cavalo encilhado  
O amor louco dura pouco  
Terá jeito o pau que nasce torto?

A aranha vive do que tece  
No olho do dono é que o carneiro cresce  
Cada um sabe onde o sapato aperta  
Até o santo desconfia quando é demais a oferta.

Hóspede de três dias dá azia  
Pombo escaldado tem medo de água fria  
Canudo que teve pimenta guarda o ardume  
Rede no gancho não pega cardume.

Em anos de boas espigas, guarda  
algumas para o tempo de urtigas  
Amor sem beijo só no inferno vejo  
Pão quente não se dá nem ao são nem ao doente.

Flauta doce não é trompete  
Em fandango de galinha barata não se mete  
Cavalo esperto não espanta a boiada  
Fogo de palha não faz goiabada.

## *Ou... Ou*

O macaco não quer banana?  
E o menino brincadeira?  
Ou o menino tá triste,  
ou a banana é de cera.

O passarinho não quer o figo?  
Laranja madura na beira da estrada?  
Ou o passarinho tá distraído,  
ou a laranja tá bichada.

O urso não fez conta do mel?  
E o avarento doou vintém?  
Ou o urso tá doente,  
ou era primeiro de abril, meu bem!

## *Desejo*

Eu sou passarinho  
Eu sou rouxinol  
Eu quero fazer meu ninho  
na pedra do teu colar  
No meio da madrugada  
pra poder te ver sonhar  
Cravo e canela  
Vento de manjeriço  
Lua prateada  
no pezinho de limão  
Serenos de veludo  
Serenos não quer cair  
Serenos da madrugada  
deixa meu amor dormir!



## *Beija-flor*

Beija-flor foi à serra  
Assuntou  
Foi à flor do manacá  
Se embriagou.

Foi à campina  
Beijou  
Foi à mata  
Se enamorou.

Foi ao deserto  
Passou  
Foi à lua entrou.

Foi ao sol  
O sol se apagou  
Foi ao rio  
O rio murmurou.

Veio me ver  
e contou  
Entrou no meu sonho  
e ficou.

*Olha!*

Meu chapéu tem bordado  
e tem laço  
Olha a pitanga no chão, sanhaço!

Meu lenço é bordado de ABC  
Tenho cinco namorados,  
mas nenhum vem me ver.

A pedra do meu anel  
veio de uma estrela guia  
Olha a amora no chão, cotovia!

Meu colar não é daqui  
É de Jacarepaguá  
Olha a graviola no chão, sabiá!

## *Preguiça*

Preguiça não lava o umbigo  
E, se lava, não enxuga.

Preguiça não cozinha feijão  
E, se cozinha, pede a alguém  
pra comer por ela.

Preguiça não faz caminhadas  
E, se faz, vai carregada.

Preguiça não compra livros  
E, se compra, pede que o livro  
já venha lido.

Preguiça sonha que o mundo acabe  
em almofadas macias para ela se recostar  
e em baldes de sorvete de creme  
para ela se arregalar.

## *Caçarola*

Eu tenho uma caçarola  
com cem anos de idade  
Tá aqui o meu lenço  
que confirma a verdade.

No dia de santos reis,  
surpreendeu-me a caçarola  
Declarou-se aposentada  
Diz que não fritar,  
e não fritar mais nada.

Não lhe tirei a razão  
Caçarola centenária  
fritou bolinhos de chuva  
para várias gerações.

## *Ciganinha*

- Ó, Ciganinha,  
O que estás fazendo?  
- Botando babados  
numa saia de renda  
Vou me enfeitar  
Vou me perfumar  
Vou à festa namorar  
Chegou um cavalheiro,  
muitíssimo alinhado  
Sentou-se ao meu lado  
Me convidou pra dançar  
Pisou-me na barra da saia  
Foi-se a saia para o chão  
- Seu desajeitado,  
tenha mais educação  
e deixe o salto no portão!

## *Recados*

Mandei recado pra moça dos três anéis:  
venha brincar comigo uma ciranda, se puder.

Nenhuma resposta  
Nenhuma resposta.

Mandei recado pro adivinho de Abunã:  
por favor, venha me ver amanhã.

Nenhuma resposta  
Nenhuma resposta.

Mandei um recado pra Baba Yaga:  
preciso de sua ajuda, senhora maga!

Nenhuma resposta  
Nenhuma resposta.

Mandei recado pro sábio de Arimatéia:  
sonhei sete noites com sete tigres  
Mais sete com sete touros  
e outras sete com sete besouros. O que será?

Nenhuma resposta  
Nenhuma resposta.

Bene bene bu  
Mandei os recados  
pelo rabo do tatu!



## *Marinheiro*

Marinheiro, ó marinheiro,  
onde está com o juízo?  
Veja bem, ó marinheiro,  
se não há perigo.  
Não bata na pedra,  
não encalhe na areia  
Não vá te desviar  
algum canto de sereia  
Marinheiro, marinheiro,  
olha o balanço do mar  
Ouve o que diz a onda,  
que é preciso navegar  
Tem o pulo da noite  
Tem o reflexo do luar  
Tem a alga madrinha  
Tem sombras em alto-mar  
Veja bem ó, marinheiro,  
onde está com o juízo  
e tome conta do perigo.

Quem te ensinou a nadar?  
Quem te ensinou a nadar?  
Foi, marinheiro,  
foi o peixinho do mar.

## *Outra ostra*

Era outra a ostra  
e não esta ostra.

Esta ostra  
foi trocada.

Trocada a outra ostra  
por esta ostra,  
troco esta ostra  
pela outra ostra.

É a outra ostra  
e não esta ostra  
que está com o brinco  
que eu ganhei  
do peixinho do mar  
que me ensinou a nadar.

## *Já*

Na ladeira tem  
Já mandei buscar  
cesto de bordado  
Chapéu de sisal  
Pisei na onda  
A onda virou  
Estrela do mar  
a lua prateou  
Espuma é de renda  
Gaivota se encantou.

## *Mulinha*

Lá vai a mulinha  
pra bem distante  
Carregadinha  
de barbante.

Chegou a mulinha  
na feira da praça  
Vendeu barbante  
Comprou linhaça.

Lá vem a mulinha  
sem vintém  
Deixou tudo  
no armazém.

## *Encontrei*

Encontrei Santa Luzia  
com uma orquídea azul  
Pedi uma pétala  
e ela não quis dar  
Mas me deu um bauzinho  
Ah, meu São Sebastião,  
abra este bauzinho  
que me deu Santa Luzia!  
Lá vai ela sumindo,  
na curva daquela estrela!  
Que será do xale dela  
Que era feito de cera?  
Me valham, meus santinhos,  
meu coração tá batendo  
dentro do bauzinho!  
Me abençoe, São Gabriel,  
santo bem-humorado  
alegria é sustento  
hoje e sempre e obrigado!

## *Mas não é*

A farinha tá no fogo  
mas não é para tostar,  
O botão parou na porta  
mas não é para entrar.

O martelo dá cabeçadas  
mas não é por querer,  
O monjolo sobe e desce  
mas não é para te ver.

O piolho põe o pé na cabeça  
mas não é por prevenção,  
O vaga-lume escolhe o escuro  
mas não é por precisão.

Meu burro morreu  
mas não foi de pensar,  
A preguiça cansou  
mas não foi de trabalhar.

O olho do poço está cheio d'água  
mas não é de mágoa,  
A losna é amarga como fel  
mas não é porque ela quer.

## *Joguinho*

Este diz que vai dormir  
Este diz que não tem onde  
Este diz que vai na rede  
Este diz cadê a parede?  
Este diz que vai fazer  
Este diz que vai chover  
Capivara, mutum, paca, tatu  
Fui na lata de biscoito  
Contei cinco e contei oito.



## *Esta noite*

Esta noite, esta noite  
eu dormi longe  
Esqueci do meu amor  
Deu sereno, deu sereno  
na distância  
e me cobriu de furta-cor  
Veio o sol, veio o sol  
de manhã cedo  
e o meu corpo incendiou.

## *Sarapico*

Sarapico, morrico  
Quem te deu tamanho pico?

Foi a deusa  
do espelho  
Sete sóis  
Sete luas  
Sete selos.

Sarapico, morrico  
Não vá o teu pico  
cutucar as estrelas  
ou ferir alguma  
abelha do céu.

## *Sal*

Sal tem

Sal temos

Sal damos

Sal tá lá

Sal gado

Sal já

Sal não

Sal ô mão

Sal vô

Sal mão.

## *Eu também*

Eu fui buscar água lá onde  
o Judas perdeu as botas  
Eu também  
Me enrosquei num cipó  
Eu também  
Entrei num caminho sem fim  
Eu também  
Subi numa árvore  
Eu também  
Caí de maduro  
Eu também  
Dancei valsa com uma cobra  
Eu não!!!

## *O rato tá em casa?*

- Não.
- A que horas ele chega?
- Às mesmas de ontem.
- Que horas são?
- Hora da onça beber água.
- Que horas são?
- Hora em que a porca torce o rabo.
- Que horas são?
- Hora da panela queimar o cabo.
- Que horas são?
- É hora da cobra fumar;  
uns pra cá, outros pra lá.
- Quem é que o rato vai pegar?

## *Vamos?*

Vamos à campina,  
elfos gentis,  
colher a flor peregrina,  
ouvir o que a relva diz?

O araçá  
O mal-me-quer  
A flor-de-lis.

São João prometeu  
me dar uma morada  
Entre lírios, açucenas  
e rosas da madrugada.

## *Quem vem lá?*

– Ô de casa!

Não tem fogo nem brasa  
nem o dono da casa?

– Ô de fora!

Entre, por favor,  
sou cesteiro, ora pois!

– Quero um cesto e uma cesta.

– Vai fazer casamento dos dois?

– Não, senhor Cesteiro:  
no cesto guardarei penas,  
na cesta levarei flores pra morena  
Quero também uma peneira

– Fina ou grossa?

– Tão fina que possa até  
peneirar neblina

Ficarei, ainda com um balaio

– Grande ou pequeno?

– O maior que tiver  
para aparar a sorte  
quando ela vier.



## *Jardineiro*

Jardineiro,  
pode chegar  
pegue as sementes  
E comece a semear...

Bem na frente,  
ponha o alecrim  
Para espantar o mau-olhado  
do jardim.

Na janela,  
quero a flor-de-lis  
Que seja branca,  
ou então cor-de-anis.

No lado esquerdo,  
quero a amoreira  
Vêm andorinhas  
e pardais  
a tarde inteira.

Perto da porta,  
ponha o guiné  
para dar muita  
sorte a quem vier.

## *Serenata*

Senhora dona da casa,  
abra a porta com finura  
O sereno tá caindo  
Orvalhada é prata pura.

As moças desta casa  
não querem acordar  
Nem ouvem a viola  
entretidas a sonhar.

Vem cá, essa menina,  
quero ler o teu destino:  
você vai morrer de velha  
e vai casar com seu primo.

As fitas do teu chapéu  
são fitas muito fiteiras  
Não são verdes nem azuis  
Nem tão pouco cor-de-cera.

Senhora dona da casa,  
traga licor de groselha,  
bolinhos de bênção  
e rosquinhas de canela.

Vamos dar a despedida  
como deu a saracura  
Uma perna na janela  
e outra lá em Singapura.

## *Cavalo marinho*

Cavalo marinho,  
quem te nomeou?  
Foi um cantador  
que por aqui passou.

Cavalo marinho,  
com que vai sonhar?  
Com mil conchinhas  
do fundo do mar.

Cavalo marinho,  
quem te deu esse sinal?  
Foi a mãe da mãe  
da estrela do mar.

Cavalo marinho,  
dança com a princesa  
Se apagar a luz,  
a lua está acesa.

Cavalo marinho,  
é hora da ceia  
A dona da casa,  
que linda sereia!

Papagaio canta  
Periquito chora  
Cavalo marinho,  
vamo-nos embora!



## *Lava-lava*

A roupa lavada  
Sinhá não vê  
Já foi engomada  
Sinhá não vê.

Eu pisei na ponte  
A ponte tremeu  
A água tava turva  
Toalha branca escureceu.

Mandei fazer a goma  
da farinha do cará  
pra engomar babado branco  
do vestido da sinhá.

Águas frias lavem bem  
as nódoas deste vestido  
E lavem do meu destino  
tudo o que for encardido.

A roupa lavada  
Sinhá não vê  
Já foi engomada  
Sinhá não vê.

## *Trem de tróia*

O trem de tróia  
é bem variado  
Quem entra no trem  
tá com os dias contados.

Ora vai saltitando  
Ora vai devagar  
Ora anda nos trilhos  
Ora pega a voar.

Os bancos não aceitam  
passageiros sentados  
Maleiros invisíveis  
Cobrador aluado  
Chuva sol ou vento  
Cobertura de relento.

Na cozinha do trem  
Fogão apagado  
Macarrão doce  
Café salgado.

Cadê o maquinista?  
Foi catar araçá  
Foi juntar o cará  
Deixou o trem  
ao deus-dará.

No dia em que  
criar dente o tico-tico  
Pau-brasil virar angico  
Gelo acender fogueira  
Pé-de-vento der pêra  
Avarento perder vintém  
sem fazer cara feia  
Aranha deixar de tecer teia  
e cabeça de repolho pensar,  
o trem de tróia  
vai chegar a algum lugar.

## *Entrevista com a autora*

### **Quando você começou a gostar de ler?**

ELOÍ – Antes de descobrir o livro literário, fiz a experiência de “ouvir” a literatura. Isso foi na infância, por meio do repertório oral. Cresci cercada por grandes contadores de histórias e declamadores, entre eles minha mãe e meu pai. Minha primeira biblioteca foi oral e o acervo eram os contos, mitos, lendas, causos, provérbios, cantigas e brincadeiras de roda, entre outras formas desse rico manancial criado pelo povo. Somente aos 11 anos de idade, quando fui fazer o curso ginásial, é que tive acesso à literatura escrita.

### **Quais livros marcaram sua infância e adolescência?**

ELOÍ – As obras de Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Fiódor Dostoiévski, Machado de Assis, José Lins do Rego, José de Alencar, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Cecília Meireles e Mark Twain, entre muitos outros autores, se tornaram inesquecíveis em minha história de leitura.

## **Como nascem suas histórias e personagens?**

ELOÍ – As crônicas que escrevo têm muito material da memória, desfigurado, macerado pelo tempo, distância e experiências presentes. Algumas narrativas surgem a partir de uma cena, uma imagem, uma visão repentina. Depois o texto vai seguindo seu caminho.

## **Que lugar a leitura ocupa em sua vida?**

ELOÍ – A leitura é uma prática imprescindível para mim. Não consigo imaginar a vida sem livros, sem leituras, sem literatura. Se, por alguma razão, não pudesse mais ler, acho que poderiam me aprontar o caixão e a cova.

## **Além de escrever, o que você também gosta de fazer?**

ELOÍ – Gosto de cuidar da família, ver bons filmes nacionais e estrangeiros, ouvir música caipira e modas de viola. Também gosto de ouvir as pessoas. Quando era professora, adorava puxar a cadeira e ouvir as crianças e jovens falarem de suas leituras, de seus livros preferidos, de como as histórias se misturavam às suas vidas, de como iam se tornando leitores e como a leitura ia influenciando em suas escolhas.

## *Leitura é cidadania*

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

## Mais informações sobre esta obra

Técnica de fazer gravuras em relevo sobre madeira e reproduzir a imagem gravada sobre papel.

Poesia popular, originalmente oral, escrita em forma rimada.

Os versos de *Batata cozida, mingau de cará* reúnem histórias, lendas, usos e costumes preservados pela fala popular. Para ilustrar esta obra, a artista Tati Rivoire produziu desenhos em estilo xilogravura popular, que remetem o leitor para a literatura de cordel.

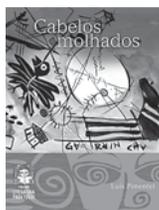
O processo de criação consistiu em desenhar com lápis de grafite sobre papel à mão livre. Depois, as imagens foram digitalizadas e o desenho foi finalizado e colorido no computador.

O resultado são oito ilustrações que conduzem o leitor por uma viagem pela tradição oral. As imagens complementam a idéia transmitida pelos versos. O lirismo da moça caseira das *Trovinhas*, da lavadeira de *Lava-lava* e do cavalo-alado de *Um jogo*; o humor de *A cutia* e de *Marinheiro*, a singeleza de *Beija-flor*, de *Esta Noite* e de *Jardineiro* propiciam uma experiência singular.

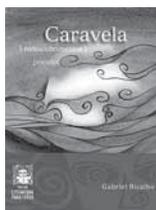
## Outros livros desta coleção



*Poesias*



*Contos*



*Poesias*



*Contos*



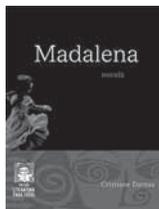
*Poesias*



*Teatro*



*Biografia*



*Novela*



*Crônicas*

## *Produção gráfica e editorial*

### SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção

**Cristina Guimarães**

cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa

**Ribamar Fonseca**

ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto

**Alessandro Mendes e Iara Vidal**

alessandro@azimutecomunicacao.com.br

iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações

**Tati Rivoire**

tati@tatirivoire.com.br

Editoração eletrônica

**Fernando Alves**

fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção

**Adriana Mattos**

adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m<sup>2</sup> e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>. A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.



A farinha tá no fogo  
mas não é para tostar  
O botão parou na porta  
mas não é para entrar.

O martelo dá cabeçadas  
mas não é por querer  
O monjolo sobe e desce  
mas não é para te ver.

Ministério  
da Educação



LITERATURA  
PARA TODOS